



IMAGINÁRIO MEDIEVAL EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*: PRESSUPOSTOS RELIGIOSOS QUE SE ESTENDEM ATÉ NOSSOS DIAS?

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3684

Maria do Carmo Faustino Borges, UEM
Clarice Zamonaro Cortez, UEM

Resumo

A Canção de Rolando, obra literária medieval, apresenta uma fonte de referências religiosas, sociais e políticas para pensarmos o que foi uma guerra sem precedentes, com atrocidades e extermínios em nome do Cristianismo e do Paganismo. Os séculos se passaram e os termos, as armas, ganharam diferentes proposições, mas o homem é História e, como tal, acolhe as transformações de acordo com o período e a sociedade em que vive. A nossa opção por refletir o imaginário e os símbolos do medieval, descritos neste poema, é devida a semelhança que percebemos entre a influência dos mesmos sobre aquela sociedade e estabelecer alguma identidade com um dos temas atuais de maior destaque na mídia internacional: o terrorismo. Desta maneira, o que lemos na referida obra literária é que as disputas e as guerras já aconteciam, tendo como pretexto as discórdias por questões de crenças, de territórios e de poder, disfarçado em nome das religiões. Chamariamos, pois, de “uma evolução” dessas mesmas questões os reflexos dos elementos simbólicos da cultura medieval em nossos dias, um elo de comparação, principalmente no campo da política internacional, quando as questões referidas como “religiosas” crescem e se confundem com outras políticas, criando e desenvolvendo a cada dia um mundo desumano, marcado por preconceitos e pelo fanatismo? As reflexões de estudiosos com Jacques Le Goff, André Vauchez, Daniel Poirion, Karen Armstrong, entre outros, fundamentam nossas asserções e observações sobre o estudo aqui definido. Concluímos que as disputas tratadas em nome de Deus estão por trás da radicalização da cultura de diferentes comunidades e não passam despercebidas no fato de que em todos os tempos, *o outro, o diferente* é ponto primordial para a criação da intolerância entre os homens.

Palavras Chave:

Literatura; História;
imaginário; religiões;
culturas.

Introdução

Sempre que propomos estudar uma obra que engloba questões de História e das relações humanas, temos de fazer uma interação com as formas políticas e socioculturais do contexto de sua criação, para podermos conhecer e até compreender as representações de produção material e intelectual de determinada cultura. O objeto de nossas reflexões, *A Canção de Rolando*, escrito no início do século XII, é fonte de informações históricas, religiosas e sociais de um período de quase três séculos que envolve o reinado de Carlos Magno (final do século VIII), até o Feudalismo e as expedições religiosas francesas à Espanha (final do século XI e início do século XII). Embora o texto em estudo apresente características de literariedade, como o aspecto ficcional, a escrita em versos, entre outras, a pesquisa sobre as questões históricas referidas são necessárias à compreensão de seu conteúdo na criação e no desenvolvimento da narrativa, cujos elementos históricos são recompostos como partes de um mesmo contexto e de um mesmo período.

A nossa escolha pelo *corpus* de *A Canção de Rolando* é devida à temática que a narrativa desenvolve acerca de uma guerra religiosa, a Batalha de Roncesvales, entre cristãos e pagãos e, deste modo, a possibilidade de ler e interpretar como tal processo se ocupa em reconstruir e em reviver valores sociais, transmitir crenças e sentimentos de uma cultura. Nesse sentido, o objetivo central é pontuar alguns elementos do imaginário e da simbologia medieval como referenciais descritos neste poema, e considerar a extensão ou a evolução desses valores nos acontecimentos históricos que a humanidade tem vivido nos últimos anos, principalmente o terrorismo.

Para desenvolver esse estudo, tomamos excertos da *Canção*, informações dos meios de comunicação, como o telejornal e a internet, como também

fundamentos em autores da Teoria da Literatura e da História, como Jacques Le Goff, André Vauchez, Karen Armstrong, Paul Zumthor, entre outros. As citações do texto *A Canção de Rolando* são identificadas por (CR).

Relações entre o imaginário medieval, o mundo moderno e a atualidade

A partir da proposta de abordagem escolhida, apresentamos *A Canção de Rolando* e os pressupostos teóricos e históricos que elucidam as relações entre as referências religiosas, sociais e políticas do texto literário e os acontecimentos do século XX e XXI, por exemplo, as perseguições e extermínios, os ataques terroristas e os crimes contra identidades ou culturas.

A Canção de Rolando narra a lenda do herói Rolando, sobrinho de Carlos Magno e principal cavaleiro de seu exército, na participação na Batalha de Roncesvales. Marsílio, rei dos muçulmanos, havia tomado Saragoça, decidiu mandar alguns de seus homens até Carlos Magno, que há sete anos ocupava o território espanhol. Os emissários de Marsílio prometeram bens, presentes e a conversão ao Cristianismo, mas já havia traído a confiança dos francos em outras oportunidades. Rolando pediu a Carlos que desconfiasse, mas Ganelão e outros acataram a proposta e convenceram o rei franco, que mandou comunicar o aceite da proposta. Rolando nomeou Ganelão para a tarefa de mensageiro, que ficou enfurecido e quis se vingar do herói, sentindo-se ameaçado. Ganelão, nobre e orgulhoso cavaleiro francês, entrou em acordo com Blancandrin, emissário de Marsílio, e traiu Carlos. Aliado aos pagãos, Ganelão propôs uma emboscada a Rolando, que ficaria na retaguarda com alguns cavaleiros. Os sarracenos os atacariam nos desfiladeiros, em Roncesvales. Travou-se um sangrento combate, mas Rolando colocou o orgulho e sua honra acima dos riscos que corriam,

recusando-se a tocar a trompa e pedir ajuda a Carlos Magno. Preocupado com sua glória, o herói tentou sustentar a batalha, mesmo estando em desigualdade com o enorme exército inimigo. Ferido de morte, Rolando chamou por ajuda tarde demais. Morreram todos os cavaleiros, inclusive ele. O rei prometeu vingá-los, rumou para Saragoça e venceu o inimigo. Bramimonda, esposa de Marsílio, entregou Saragoça. Tomando a cidade, Carlos Magno mandou destruir as estátuas e os ídolos. Ganelão, o traidor, foi julgado, duelou com Pinabel e Thierry. Vencido, Ganelão foi sentenciado à morte por enforcamento, juntamente com os seus familiares.

Historicamente, a Batalha de Roncesvales (788) foi um confronto militar no qual “[...] Montanheseos bascos armaram uma emboscada contra a retaguarda dos Francos [...] no desfiladeiro de Roncesvales, massacraram as tropas comandadas pelo senescal Eggiharde, o conde palatino Anselmo e o prefeito da Marca da Bretanha, Rolando.” (LE GOFF, 2005, p. 43 e 44). Entretanto, em *A Canção de Rolando*, essa matéria é transformada pela ficção como representação de feitos de Carlos Magno, rei e herói dos francos, e os ideais que sustentaram por séculos uma coletividade ameaçada pelas invasões bárbaras, em uma guerra travada entre cristãos e pagãos (muçulmanos).

De acordo com a narrativa, o exército de Carlos Magno impunha o Cristianismo aos povos dominados e, segundo observação de Salvatore D’Onofrio (1990), o período em que *A Canção de Rolando* foi escrita, várias expedições aconteceram para libertar Saragoça e todo o vale do Rio Ebro do jugo muçulmano. Com efeito, o histórico e o ficcional misturam-se em relação ao objetivo da guerra no texto literário. No tempo de Carlos Magno, a “Reconquista” e os combates não incluíam a cristianização, e sim a tomada de territórios e saques aos povos dominados,

como configura o excerto: “Um imenso saque está nas mãos de seus cavaleiros: ouro, prata, preciosas armaduras” (CR, 1988, p. 21). Pressupõe-se que os trovadores do século XI conceberam uma lenda com base no evento da referida batalha, associando-o às aventuras dos cavaleiros das Cruzadas. Desse modo, o texto constitui-se de muitos anacronismos, homologias e metáforas.

A Idade Média é um período da História marcado pelo teocentrismo, pela pregação da existência do Deus único e a rejeição ao paganismo e ao politeísmo. Neste processo ideológico, há um discurso que destaca a dicotomia do Bem e do Mal, posicionando os cristãos no plano benevolente e os pagãos como os infiéis, como nos exemplos do discurso: “Os pagãos estão no erro e os cristãos no bom direito. Jamais um mau exemplo virá de mim” e “Com toda a força vai atacar o pagão. Sacode a lâmina: o pagão cai. Os demônios levam sua alma” (CR, 1988, p. 44 e 57).

O mundo dos símbolos teve papel de destaque no quotidiano dos medievos. Os objetos, os gestos, os ritos tornavam-se necessários às representações mentais daquelas populações, para levar o homem a expressar seu mundo interior, a interpretar e explicar o mundo exterior e o desconhecido. Como as explicações se firmavam no imaginário, a contextualização deste inventário remetesse ao plano divino, sendo que a mentalidade medieval estava voltada para Deus e para a Vida Eterna como pressupostos da fé cristã:

[...] Porque o mundo oculto era um mundo sagrado, e o pensamento simbólico

[...] era mais que a forma elaborada, decantada, no plano dos doutos, do pensamento mágico que impregnava a mentalidade comum [...], para a massa, as relíquias, sacramentos e preces eram seus equivalentes autorizados. Tratava-se sempre de encontrar as chaves

que abrissem as portas do mundo sagrado, o mundo verdadeiro e eterno, aquele onde se podia encontrar a salvação [...]. (LE GOFF, 2005, p. 337).

Desse universo imaginário, *A Canção de Rolando* sugere uma variedade de exemplos que nos possibilitam formular ideias sobre os meios que o homem utilizava para explicar sua existência e o mundo em que vivia. Até hoje, temos a prática de ritos que estão presentes nos versos da *Canção*, testemunhos do imaginário daquela cultura, tais como o sinal da cruz pela igreja católica. Esse gesto simbólico, tradicionalmente conhecido pelos cristãos, coloca o homem em uma busca direta por Deus e, por consequência, o distanciamento do Mal. Estão presentes na *Canção* com referências à cruz, à lealdade do cavaleiro e aos combates.

A imposição do sinal da cruz na narrativa acontece na cena em que Carlos Magno concede a Ganelão a incumbência de negociar com Marsílio, antes da batalha: “Ide, com a permissão de Jesus e a minha! Com a mão direita absolve-o e faz o sinal-da-cruz. Depois, dá-lhe o bastão e o breve” (CR, 1988, p. 27). Assim também, depois do confronto, quando o corpo de Rolando é encontrado morto: “[...] Por tua graça, se te aprouver, concede-me o dom de vingar meu sobrinho Rolando! Assim ele rezou. Depois se levantou e, de pé, persignou-se com o sinal do poderoso [...]” (CR, 1988, p. 95). Observamos que, em nome de Deus, o cristão esperava alcançar a proteção, mas também o perdão de uma vingança. De acordo com os ensinamentos cristãos, o segundo exemplo seria incoerente.

Lígia Vassalo (1988), na seção de notas considera uma homologia na passagem em que: “O emir invoca Apolo, Tervagante e também Maomé: “Senhores deuses meus, tenho-vos servido bastante. Farei todas as vossas estátuas de ouro fino” (CR, 1988, p.105). Trata-se de uma

alusão à entidade “sagrada” dos pagãos: Maomé, Tervagante e Apolo, ou remetida à equivalência da Trindade Santa dos cristãos: Pai, Filho e Espírito Santo.

Segundo Jean Chevalier (1998, p. 310), “A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do Salvador [...] Onde está a cruz, aí está o crucificado [...]”. Por outro lado, a cruz pode apresentar formatos variados, além de outras conotações, em diferentes culturas e épocas.

Como nosso objetivo é estabelecer correspondência com alguns fatos da atualidade, citamos aqui o exemplo da cruz da suástica, que identificava o Nazismo no século XX, comandado por Adolf Hitler. Ela simbolizava a pureza da raça ariana e era antissemita. Pregava-se a rejeição de um povo distinto do seu, o que levou os alemães a dizimar cerca de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, mortes que ficaram conhecidas como Holocausto.

Já nos Estados Unidos, existe a seita Ku Klux Kan desde 1860, formada por grupos extremistas que defendem a supremacia branca, o nacionalismo branco e a não imigração naquele território. Os acontecimentos em suas manifestações sempre foram desastrosos, com mortes de inocentes dos grupos que se opõem. Eles têm como objetivo a purificação daquela sociedade. No início do século XX, perseguiam os católicos e os judeus e, vestidos de túnicas e capuz brancos, queimavam as cruzes em público. Conforme declaração de uma ativista em Charlotteville em 20/09/2017, as cruzes em chamas servem para iluminar o mundo e as mentes (FAUS, 2017). Embora se denominem defensores da moral cristã, ostentam a cruz da suástica nazista, usam de violência, praticam o racismo contra negros e outras raças em nome do sangue anglo-saxão. Essas são algumas modalidades simbólicas do uso da cruz,

mas em todos os casos apreendemos que ela foi uma bandeira opressora ao *outro*.

Em *A Canção de Rolando* há um trecho referente à lealdade feudal. A partir do século XI, firmou-se o ritual da investidura e, para o cavaleiro, o bastão e a luva simbolizam o pacto de honra e lealdade ao rei. A trama da narrativa desenvolve-se a partir do descumprimento do pacto entre Ganelão e o rei Carlos Magno. O cavaleiro recebeu a incumbência de selar um acordo de conversão cristã com o rei muçulmano, Marsílio: “[...] Ganelão, avança e recebi o bastão e a luva [...] o imperador estende a luva com sua mão direita; no momento em que devia segurá-la, a luva cai no chão [...]” (CR, 1988, p. 27). A quebra da lealdade constituía um mau presságio, pois cabia ao cavaleiro honrar seu juramento ao rei. Para aquela sociedade,

[...] a linhagem impõe suas realidades, seus deveres e sua moral ao cavaleiro. A linhagem é uma comunidade de sangue composta de ‘parentes’ e de ‘amigos carnis’ [...] os membros da linhagem ligam-se pela solidariedade linhagística, que manifesta, sobretudo, no campo de batalha e no domínio da honra. (LE GOFF, 2005, p. 283).

Outras cenas da *Canção* nos remetem ao compromisso e a fidelidade que o cavaleiro tinha com o rei e a comunidade, até as últimas consequências pelo juramento, matar ou morrer pela causa a que se propunha. No campo de batalha, Rolando impele seus companheiros a lutar com todo o vigor pela honra da França: “Aqui receberemos o martírio [...]. Atacai senhores com vossas espadas polidas e disputai vossas mortes e vossas vidas, para que a Doce França não seja por nós desonrada” (CR, 1988, p. 66). Nesta passagem, cabe-nos lembrar o que observa André Vauchez (1995, p. 60) sobre a espiritualidade da época feudal: “[...] o sofrimento voluntário permite efetivamente ao homem recuperar, a partir de sua vida terrena, o estado primordial de

inocência, degradado pelo pecado e aceder à liberdade espiritual”.

Assim, o herói confiava sua salvação no martírio, no sofrimento extremo, uma vez que a compensação estava na vida eterna: “Em nome de Deus não fugi, para que nenhum valente cante canções maldosas sobre nós. Mais vale, e de muito, morrer lutando [...] Mas posso garantir-vos uma coisa, que o santo paraíso vos espera e que ireis vos sentar entre os Inocentes!” (CR, 1988, p. 56). Poderíamos pensar que estas práticas têm alguma relação ou comparação com os terroristas da atualidade, que matam e morrem pela causa que defendem? Trata-se de um sofrimento voluntário? Decorre do imaginário, da cultura?

Transcorreram séculos e o homem chegou à Modernidade. De acordo com Karen Armstrong (2009), embora conservadores, os muçulmanos acataram muitas ideias e valores com noções modernas, mas a paixão por justiça e igualdade, propostas no Alcorão, permaneceram no contexto moderno.

Durante o século XX, dentro das religiões tradicionais, surgiram grupos de devoção exacerbada e de milícias, os “fundamentalistas”. Embora sejam minoria, não hesitam em matar civis, mulheres e crianças em lugares públicos, igrejas, shoppings. Eles rejeitam de maneira geral os valores das sociedades modernas, como a Democracia, a liberdade de expressão, a separação entre Igreja e Estado; lutam e matam em nome da religião. Armstrong (2009) registra que os fundamentalistas judeus e islâmicos concebem uma visão religiosa em relação ao conflito árabe-israelense, disputa que acontece há séculos por territórios, questão política revestida de caráter sagrado.

Os fundamentalistas trazem uma ideologia baseada em doutrinas e práticas do passado, além de um plano de ação aos grupos. Por outro lado, as condições da vida moderna desenvolvida pelo Ocidente é fato real, e as tradições aos poucos

tiveram de fazer adaptações: as ciências e a máquina trouxeram conquistas, e tudo que parecia ser um mundo melhor revelava-se, ao mesmo tempo, por injustiças sociais, por riscos maiores. A forma de ler o mundo estava longe dos mitos antigos.

O antissemitismo moderno começou na Europa no final do século XIX com o cientificismo, pondera Armstrong (2009), que favorecia aos europeus a ideia de controle e ação sobre seu meio ambiente. Seu alvo racista era contra os judeus, *o outro*, biológica e geneticamente diferente. Parte dos judeus, expulsos de várias regiões, dispersos e descentralizados, chegou à Europa Ocidental e, principalmente na Alemanha e na Áustria, tornando-se objeto de perseguição em massa.

Nos Estados Unidos, a Guerra Civil (1861-65) entre o Norte e o Sul trazia com os protestantes do Norte a fantasia da destruição: também por uma visão religiosa acreditavam que a luta purificaria a nação. Armstrong (2009) reflete que, com a ciência e o racionalismo, alguns protestantes tomaram a fé pelo viés da lógica, seguindo a teoria de Francis Bacon de que o mundo era organizado por um Deus onisciente, e a ciência deveria apenas catalogar fenômenos e ordenar as descobertas a partir do consenso de fatos evidentes. No entanto, a indústria trouxe mudanças essenciais para a sociedade, até então agrária. Isso provocaria a imigração de outros povos, fator que implicaria novas transformações nas sociedades, dentro das políticas e das culturas tradicionais.

O Islamismo é uma religião fundada por Maomé no século VII, e sua doutrina se fundamenta no Alcorão, livro sagrado da fé muçulmana. Segundo o *site* Significados (s.d.), a palavra Islã quer dizer “submissão”, que compreende aos muçulmanos a obediência a Alá, o deus supremo. Em contradição com a civilização do Ocidente, os grupos terroristas da atualidade são antes de tudo

suicidas (homens-bomba), que atacam alvos civis, edificações, resultando em milhares de mortos, como o exemplo dos ataques de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, assumidos pela *Al-Qaeda*, tendo como mentor Osama Bin Laden (FERNANDES, 2016). Do mesmo modo, o grupo *Estado Islâmico* assumiu o assassinato de mais de cem pessoas em Paris, em 13 de novembro de 2015. Várias outras ações de calamidade em outras cidades, principalmente da Europa. O último grupo, de acordo com Presse (2015), assumiu a autoria da destruição do templo milenar em Palmira, na Síria, patrimônio da humanidade, entre outros ataques na Alemanha, Inglaterra, etc.

No texto de *A Canção de Rolando*, a passagem em que Carlos Magno toma Saragoça, ele invade as sinagogas e as mesquitas, sendo que eles também destruíram os símbolos e edificações dos muçulmanos: “[...] Com maças de ferro e machados, quebram as estátuas e todos os ídolos; aí não restará mais nenhum sortilégio nem malefício [...]” (CR, 1988, p. 109). Entendemos que os episódios se identificam com o elenco de atrocidades que acima citamos, o que mostra a dimensão das possibilidades de ação que o imaginário é capaz de produzir: a não aceitação da cultura diferente. Os mitos, os símbolos, os sonhos e todo um imaginário que representam as diferentes culturas, marcam a diferença na recepção de uma cultura por outra:

[...] para melhor interpretar o maravilhoso de uma literatura, como o da Idade Média, devemos interrogar a estratificação das culturas, a aculturação que fez da história dos costumes, da mentalidade e da espiritualidade um processo de evolução, se não sempre contínuo e progressivo, pelo menos sempre em equilíbrio instável. (POIRION, 1982, p. 5,

tradução nossa).¹

Ainda com referência ao texto da *Canção*, destacamos excertos das atrocidades cometidas pelos cavaleiros nos combates. Em nome da crença religiosa, as barbáries sem precedentes:

[...] golpeia o elmo coberto de ouro: quebra o aço, a cabeça e os ossos. Faz os dois olhos saltarem da cabeça. Diante de seus pés derruba o morto. (CR, 1988, p. 75-6).

[...] quebra-lhe o escudo, rasga-lhe a cota de malhas, abre-lhe o peito, quebra-lhe os ossos e separa toda a espinha das costas; com sua lança arranca a alma do corpo do pagão, enfia o ferro tão fundo que sacode o corpo; e com a lança inteira derruba do cavalo o pagão, cujo pescoço é cortado em duas metades. (CR, 1988, p. 49).

[...] O conde (Rolando) o ataca com tanto vigor que lhe fende o elmo até o nasal, corta o nariz e a boca e os dentes e todo o tronco e toda a cota de malha e a seda dourada com dois arçãos e as costas do cavalo profundamente [...]. (CR, 1988, p. 59).

[...] Quem visse então esses escudos danificados, quem ouvisse o retinir das brancas cotas de malhas, o ranger dos escudos contra os elmos, quem visse estes cavaleiros tombarem, os homens urrarem de dor e morrerem no chão [...]. (CR, 1988, p. 105).

De acordo com Paul Zumthor (2009, p. 47), “Na prática intelectual medieval, as estruturas de pensamento que constituíam as artes liberais asseguravam eficazmente o recorte do real empírico, [...] designavam o fato ao mesmo tempo que fundavam nele a interpretação [...]”. Assim, consideramos que, se aos

cavaleiros medievais são atribuídas tamanhas agressões, mesmo que na ficção, se foram capazes de tais façanhas em nome de Deus, da lealdade, da ideologia, do patriotismo, seja qualquer que tenha sido o pretexto, os fundamentalistas de nossos dias cometem as mesmas atrocidades, como o mundo assistiu em rede de televisão, nos jornais, a decapitação de jornalistas, de soldados do ocidente, entre outros absurdos.

A diferença é apenas o arsenal de guerra desenvolvido pela tecnologia. Le Goff (2005, p. 24), quando se refere à Idade Média afirma que “[...] A arma das invasões é a espada longa, cortante e pontiaguda, cuja terrível eficácia é a fonte real dos exageros literários da Idade Média: capacetes cortados, cabeças e corpos partidos em dois, às vezes até o cavalo [...]”. Hoje, o fuzil, as bombas incendiárias, o avião e a telecomunicação fazem a diferença: tudo é muito rápido, fora de controle.

Percebemos, desse modo, que as guerras ocorreram pelos mesmos objetivos, o que depreendemos no discurso de Antônio Candido (1985, p. 43 e 44): “[...] se a mentalidade do homem é basicamente a mesma, e as diferenças ocorrem, sobretudo, nas manifestações, estas devem ser relacionadas às condições do meio social e cultural [...]”. Compreendemos que o autor se refere a um comportamento característico e intransferível, que poderia ser associado ao sentimento de “fé”, inquestionável do ponto de vista do ser humano que o pratica.

Samuel Huntington (1997), estudioso das civilizações, acrescenta a ideia de que os conflitos de hoje são de fundo cultural:

O problema subjacente para o Ocidente não é o fundamentalismo

1 “[...] pour bien interpréter le merveilleux d’une littérature comme celle du Moyen Age, nous devons interroger la stratification des cultures, l’acculturation qui fait de l’histoire des moeurs, de

la mentalité et de la spiritualité un processus d’évolution, sinon toujours continu et progressif, du moins toujours en équilibre instable” (POIRION, 1982, p. 5).

islâmico. É o Islã, uma civilização diferente, cujas pessoas estão convencidas da superioridade de sua cultura e obcecadas com a inferioridade de seu poderio. O problema para o Islã [...] É o Ocidente, uma civilização diferente cujas pessoas estão convencidas da universalidade de sua cultura e acreditam que seu poderio superior, mesmo que em declínio, lhes impõe a obrigação de estender sua cultura por todo o mundo. Esses são os ingredientes básicos que alimentam o conflito entre o Islã e o Ocidente. (Huntington, 1997, p. 273).

A partir das observações dos referidos estudiosos, pensamos que, se é Deus ou Alá que nos espera depois da morte, ou ninguém, não importa. Queremos compartilhar e concordar com o ponto de vista de Armstrong (2009), que os judeus e os muçulmanos sistematizaram sua crença de modo racional para se contraporem a outras ideologias. No entanto, distorceram suas tradições, esqueceram dos ensinamentos de tolerância e compaixão, tornando a sua teologia em fúria, ressentimento e vingança. Desse modo, compreendemos que as velhas práticas da fé, as liturgias e os mitos proporcionavam ao homem os meios de interagir com o mundo subjetivo, esquecidos ou desprezados no mundo atual. No entanto, a razão não traz o “conforto” de uma verdade mítica, de acesso ao sagrado.

Considerações finais

Concluimos que as disputas tratadas em nome de Deus servem de pano de fundo para as disputas de radicalização da cultura de diferentes comunidades e nos mostra que é uma prática que se estende por gerações e civilizações. *O outro, o diferente*, é a causa do estranhamento, da criação e da intolerância entre os homens.

Entendemos que por meio do imaginário, pela instituição de crenças, de

rituais, de usos e costumes formaram-se elementos que se justapõem entre o mundo e o homem, caracterizando intransigências e até competições. Com efeito, tais posturas criam conflitos que afetam as estruturas sociais, políticas e econômicas em todos os continentes, e geram uma expectativa negativa para o presente e para as gerações futuras, sendo que as migrações humanas constituem um problema real da nossa atualidade, com a difícil tendência de ser resolvido, uma vez que os mitos não cabem na prática moderna.

Referências

- A CANÇÃO DE ROLANDO.** Tradução de Lígia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** Tradução de Hildegard Feist. Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos.** Tradução de Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 12. ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- D’ONOFRIO, Salvatore. A Era Medieval. In: _____. **Literatura ocidental.** Autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990. p. 149-214.
- FAUS, Joan. David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan: “Trump nos empoderou”. **El País**, Washington, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/19/internacional/1503174397_882413.html>. Acesso em: 21 set. 2017.
- FERNANDES, A. 2001: Atentado terrorista às Torres Gêmeas nos EUA. **DW**, 11 set. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/2001-atentado-terrorista-%C3%A0s-torres-g%C3%A0meas-nos-eua/a-18708622>>. Acesso em 25 set. 2017.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval.** Tradução de José Rivair de Macedo. Bauru: Edusc, 2005. Coleção História.
- POIRION, Daniel. **Le Merveilleux dans la littérature française du Moyen Age.** Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

PRESSE, France. Estado Islâmico explode famoso templo na cidade síria de Palmira.

Correio Braziliense, 24 ago. 2015. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/08/24/interna_mundo,495785/estado-islamico-explode-famoso-templo-na-cidade-siria-de-palmira.shtml>. Acesso em: 25 set. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de Islamismo**.

Significados. Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/islamismo/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade da Idade Média Ocidental** – Séc. VIII - XIII. Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. Nova História, 26.

ZUMTHOR, Paul. **Falando de Idade Média**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.